

LETICIA KOCHANNY CARVALHO

“ A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO E SEU PLANEJAMENTO ”



Monografia de graduação apresentada como requisito parcial a disciplina Seminário de Monografia curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas - Universidade Federal do Paraná
Orientadora: Prof. Ms. Rosecler Vendruscolo.

CURITIBA

2001

LETICIA KOCHANNY CARVALHO

**“A PRÁTICA PEDAGÓGICA DE UMA PROFESSORA DA REDE
MUNICIPAL DE ENSINO E SEU PLANEJAMENTO”**

Monografia de graduação apresentada como requisito parcial à disciplina Seminário de Monografia, curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof. Ms. Rosecler Vendruscolo

II

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho àqueles que me ensinaram que o livro ou escola alguma podem ensinar. Sei que hoje, podem se orgulhar de mais esta etapa cumprida.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que me apoiaram e me compreenderam nos momentos bons e nos difíceis. À família , aos meus professores, companheiros desta caminhada, principalmente à minha Orientadora por todo conhecimento compartilhado para a vitória de mais esta etapa de minha vida.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. PROBLEMA.....	2
1.2. OBJETIVO.....	2
1.2.1. OBJETIVO GERAL.....	2
1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	2
1.3. JUSTIFICATIVA.....	2
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR.....	4
2.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	11
2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA.....	12
2.4. EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E A LEGISLAÇÃO PERTINENTE NA ÁREA.....	14
2.4.1. DA LEI ANTIGA A NOVA LEI.....	15
2.4.2. REFLEXÃO SOBRE AS DIRETRIZES CURRICULARES.....	16
2.4.3. EDUCAÇÃO FÍSICA: OBJETIVOS PARA OS CICLOS.....	17
2.4.4. CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OS CICLOS.....	18
2.4.5. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OS CICLOS...21	
2.5. O PLANEJAMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	22
3. METODOLOGIA.....	24
3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	24
3.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	25
3.2.1. O PLANEJAMENTO.....	28
3.2.2. OS OBJETIVOS DA DISCIPLINA.....	29

3.2.3. OS CONTEÚDOS TRABALHADOS.....	30
3.2.4. O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO COTIDIANO DAS AULAS.....	30
3.2.5. A AVALIAÇÃO.....	31
3.2.6. OS MATERIAIS UTILIZADOS.....	31
3.2.7. AS DIFICULDADES.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXO.....	37

INTRODUÇÃO

Nas escolas da rede municipal de ensino de Curitiba, não tem sido muito evidente a constante preocupação em valorizar e resgatar o papel do/a professor/a de Educação Física e da própria disciplina enquanto área de conhecimento. A crítica que é dirigida, atualmente, a Educação Física vem exigindo que esta disciplina seja conceituada, precisa e claramente, estabelecendo-se um compromisso educacional escolar de desenvolver a função social e política que é inerente a toda ação pedagógica.

Tomando por base a importância do planejamento como elemento integrador de uma concepção educativa que valorize a escola como um espaço que merece ser vivido, pois é o que orienta o/a professor/a na sua caminhada pedagógica em busca da aprendizagem de seus alunos. Refletir estes aspectos, poderá nos ajudar a entendermos a função da Educação Física, o que a objetiva enquanto disciplina escolar, pois abre espaços para a construção de um interesse mais consciente do processo educativo.

Este trabalho de pesquisa, teve por objetivo observar e descrever a prática pedagógica de uma professora da Rede Municipal de Ensino de Curitiba quanto a existência de planejamento das suas aulas e execução destas, onde em um primeiro momento, foram feitos relatos relacionados ao espaço físico, econômico e social onde a escola está inserida, após, foi realizada uma revisão bibliográfica, a qual proporcionou subsídios para a pesquisa de campo. Juntamente com a descrição da observação da aula foram relatados alguns fatores da fala da professora que poderão esclarecer melhor a relação de sua aula e o planejamento. Uma vez que entendemos o planejamento como a orientação a seguir na ação pedagógica diária do/a professor/a, tanto em termos teóricos como práticos.

1.1. PROBLEMA

Tem-se como problema principal nesta pesquisa: a aula de Educação Física, a partir da prática da professora presente no contexto escolar tendo por base a existência do planejamento.

1.2. OBJETIVO

1.2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo deste estudo, é descrever a prática pedagógica de uma professora de Educação Física da Escola Municipal Jaguariaíva, seu planejamento e alguns elementos que interferem em tal aula.

1.2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever a relação entre a organização escolar e a aula de Educação Física.
- Relatar o currículo em que a Escola está inserida.
- Observar se existe planejamento das aulas dadas.
- Descrever o processo de ensino e aprendizagem utilizado pela professora.
- Descrever as atitudes dos alunos no decorrer das aulas.
- Descrever a relação entre professor e aluno.

1.3. JUSTIFICATIVA

É corrente hoje o consenso em torno da desvalorização da Escola e, mais especificamente, da Educação Física Escolar, denotando a necessidade de se estudar esta realidade e os aspectos que interagem nela.

O presente estudo pretende contribuir para uma melhor compreensão da Educação Física enquanto disciplina escolar, de sua importância ou finalidades

motoras, físicas, culturais, sócio- psicológicas, morais e estéticos na formação de crianças e jovens.

O planejamento tem sido visto como uma prática burocrática que pouco ou nada reflete a realidade da escola e da aula de Educação Física. No entanto, o planejamento deveria dar subsídios as ações tanto a nível da escola enquanto um todo, como no âmbito específico das aulas ou disciplinas. Entendemos assim, que o estudo poderá trazer subsídios para acadêmicos do curso de Licenciatura em Educação Física sobre a realidade da Educação Física na escola de 1º e 2º ciclos e, ainda, para que educadores/as de outras áreas e a população em geral, possam observar o valor do planejamento das aulas de Educação Física e conseqüentemente o valor desta disciplina para toda uma população.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO DISCIPLINA ESCOLAR

A Educação Física, como disciplina escolar, tem seu início no final do século XVIII e início do século XIX. Tendo como precursores das idéias pedagógicas em um primeiro momento Locke na Inglaterra, e em um segundo momento Rousseau na França, sendo a preocupação principal a de servir a classe dominante. Sendo suficiente o básico para poderem continuar servindo a classe dominante. Já a burguesia deveria ter uma educação especializada para que pudessem controlar seus negócios. Foram estes mesmos pensadores que no século XIX contribuíram com elementos essenciais sobre a necessidade e a importância do exercício físico na educação do homem (SOARES, 1998).

A Alemanha teve influências de Rousseau, e como destaque o pedagogo Basedow, que contemplou a ginástica na escola organizando um currículo que se constituía de cinco horas por dia de estudo e três horas de recreação, que era basicamente a prática da esgrima, equitação, dança e música, e ainda duas horas para os trabalhos manuais.

A partir de 1850, a ginástica passou a integrar os currículos de todas as escolas primárias e escolas normais, mesmo sem contar com pessoal capacitado para ministrar as aulas de ginástica, que eram dadas por oficiais do exército, o que cria uma reação nos meios científicos que se acentua na segunda metade do século XIX, onde a burguesia já não era a única protagonista da história moderna, pois a novíssima força política do proletariado industrial começava a crescer (RESENDE, 1994).

E foi a partir dos conhecimentos e teorias importadas da Europa que traçou-se um modelo para a sociedade brasileira, de caráter higienista, inicialmente, com um discurso normativo, disciplinador e moral. Pois a disciplinarização dos corpos, hábitos e vida dos indivíduos seria evidenciada em nome da saúde, da paz e da harmonia social. Esta medicina, em vertente higienista, vai influenciar e condicionar, de modo decisivo, a Educação Física, a educação escolar, em geral a toda sociedade brasileira.

Assim, tomamos como base para descrever o processo histórico da Educação Física brasileira, inicialmente, as cinco tendências resgatadas por GHIRALDELLI (1989), quais sejam: Educação Física Higienista (até 1930); Educação Física Militarista (1930-1945); Educação Física Pedagogicista (1945-1964); Educação Física Competitivista (pós 64) e a Educação Física Popular.

A Educação Física Higienista deu ênfase à questão da saúde. Para GHIRALDELLI (1989), “caberia à Educação Física um papel fundamental na formação dos homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação, agindo como protagonista num projeto de assepsia social”.

Em 1930, esteve presente a Educação Física Militarista que reieigou a saúde dos indivíduos e a saúde pública, em detrimento da Saúde da Prática. Diz GHIRALDELLI (1989) que a Educação Física Militarista “visava impor a toda sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria do regime do quartel, obtendo assim uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra. O papel da Educação Física, nesta tendência, é colaborar com a elitização, através da eliminação dos fracos e premiação dos fortes”.

É na tendência Pedagogicista que a Educação Física configura-se como uma prática educativa, até então não colocada pelas tendências Higienista e Militarista.

Segundo GHIRALDELLI (1989), “ainda não podendo ser considerado progressista, mesmo que esta teoria tenha se demonstrado como um avanço em relação a Militarista. É muito influenciada por teorias escolanovistas e pode se identificar a penetração do liberalismo¹ americano dos anos 50”.

De acordo com GHIRALDELLI (1989), a Educação Física reduz-se então ao desporto de alto nível, em que se caracteriza a corrente Competitivista, servindo assim a uma hierarquização e elitização social, também presentes em outras concepções anteriormente descritas. Mostra-se neutra em relação aos conflitos político-sociais, assegurando por “qualquer tipo de governo”.

A última corrente classificada por GHIRALDELLI (1989) é denominada Educação Física Popular, sendo esta uma “concepção que emerge da prática

¹ Liberalismo: segundo Ghiraldelli (1989), o liberalismo, originado da perversidade do sistema capitalista, iniciou no século XX em nosso país e prevê a educação como um meio para resolução de problemas sociais, colocando nas “costas” da ignorância popular tais problemas.

social ² dos trabalhadores. Privilegia-se a ludicidade, a solidariedade, a organização e a mobilização dos trabalhadores na tarefa de uma sociedade efetivamente democrática”.

Nesta mesma década, acompanha-se uma ampliação dos cursos de formação de professores para atuar na área de Educação Física, necessitando-se com isso, de qualificação dos docentes para atuarem nesses cursos superiores. A busca por Pós-graduações deu-se inicialmente no exterior, nas áreas biológicas, e em seguida nos cursos do Brasil, nas áreas da Educação, da Psicologia, Filosofia, vistos os raros cursos de Pós- graduação em Educação Física.

A partir dessa realidade, ocorre uma grande produção acadêmica e o campo pedagógico na Educação Física passou a ser um dos interesses de estudo. Grande parte da discussão realizada neste campo sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista, foi absorvida pela Educação Física. A década de oitenta, segundo BRACHT (1999), foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista. Além desta, várias tendências pedagógicas surgem em oposição as práticas vigentes até antes da Educação Física na Escola. O quadro de propostas pedagógicas em Educação Física apresenta-se hoje bastante diversificado. Embora, segundo BRACHT (1999):

“a prática pedagógica ainda resista a mudanças, ou seja, a prática acontece ainda balizada pelo paradigma da aptidão física e esportiva, várias propostas pedagógicas foram gestadas nas últimas duas décadas e se colocam hoje como alternativas.”

A seguir, passaremos a discutir, de forma resumida, algumas dessas propostas.

Uma dessas propostas é chamada abordagem desenvolvimentista, sendo que esta limita-se a oferecer fundamentos para a Educação Física das primeiras quatro séries iniciais do primeiro grau, que de acordo com BRACHT (1999), sua idéia principal é:

² Prática social: segundo Libâneo (1985), implica a atividade humana de transformação da natureza e da sociedade, assumindo características determinadas conforme o modo de produção da existência humana vigente em determinada etapa histórica.

“Oferecer a criança oportunidades de experiências de movimento de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento.”

A base teórica desta proposta, de acordo com alguns autores (BRACHT, 1999; RESENDE, 1994), é essencialmente a psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, e seus principais autores são: os professores Go Tani e Edson de Jesus Manoel, da USP, e Ruy Jornada Krebs, da UFSM.

Ainda, neste mesmo período, temos a proposta da psicomotricidade, a qual exerceu grande influência na Educação Física brasileira nos anos setenta e oitenta. Esta proposta, segundo BRACHT (1999), vem sendo criticada pois não confere a Educação Física uma especificidade, ficando seu papel subordinado a outras disciplinas escolares. Observa-se então que nessa perspectiva o movimento é mero instrumento, não sendo as formas culturais do movimentar-se humano consideradas um saber a ser transmitido pela escola. Ainda nesta fase, segundo (RESENDE, 1994), os renovadores na Educação Física, destacando-se a Psicomotricidade com variantes como a Psicocinética (de Jean Le Boulch), que se apresentam como uma contestação à Educação Física por considerá-la ligada a uma concepção dualista³ de homem; no entanto, a Psicomotricidade trata o jogo como uma metodologia e não como um conteúdo, o que vem tentando ser modificado pela Educação Física mais recentemente.

Observa-se, de acordo com BRACHT (1999), que as propostas até aqui colocadas tem em comum o fato de não se vincularem a uma teoria crítica da educação, sendo que este é o caso de duas outras propostas que vão mais explicitas e diretamente derivar-se das discussões da pedagogia crítica brasileira, as quais veremos a seguir.

Uma delas, é encontrada no livro *Metodologia do ensino da Educação Física* (1992), tal proposta baseia-se na pedagogia histórico-crítica desenvolvida por Dermeval Saviani e colaboradores, a qual se auto-intitulou de crítico-superadora. Entende-se nesta proposta que:

³ Concepção dualista: vem no que diz respeito a divisão do corpo humano em corpo e mente.

“O objeto da área de conhecimento Educação Física é a cultura corporal que se concretiza nos seus diferentes temas, quais sejam, o esporte, a ginástica, o jogo, as lutas, a dança e a mímica. Sistematizando o conhecimento da Educação Física em ciclos (1º Da organização da identidade dos dados da realidade; 2º Da iniciação a sistematização do conhecimento; 3º Da ampliação da sistematização do conhecimento; 4º Do aprofundamento da sistematização do conhecimento), propõe que este seja tratado de forma historicizada, de maneira a ser apreendido em seus movimentos contraditórios.” (Metodologia do Ensino da Educação Física, 1992)

Já outra proposta dentro do aspecto da anterior, é a que se denomina crítico-emancipatória, e que tem como principal formulador o professor Elenor Kunz, da UFSC, esta parte de uma concepção de movimento que ele denomina de dialógica. Onde o movimentar-se humano é entendido como uma forma de comunicação com o mundo, sendo que a noção de sujeito é tomado numa perspectiva iluminista de sujeito capaz de crítica e de atuação autônoma. Conclui-se então, que tal proposta aponta para a tematização dos elementos da cultura do movimento, de forma a desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e agir criticamente nesta esfera.

Para as teorias progressistas (crítico-superadora e crítico-emancipatória), as formas culturais do movimentar-se humano (entendido como forma de comunicação com o mundo) reproduzem os valores e princípios da sociedade capitalista industrial moderna, sendo o esporte de rendimento, nesse caso um exemplo. As propostas das teorias progressistas sugerem procedimentos didáticos-pedagógicos que possibilitem, ao se tematizarem as formas culturais do movimentar-se humano, propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desenvolvendo as competências para tal: a lógica dialética para a crítico-superadora, e o agir comunicativo para a crítico-emancipatória. Tal proposta acredita que através de sua aplicação, os sujeitos poderão agir autônoma e criticamente na esfera da cultura corporal ou de movimento e também agir de forma transformadora como cidadãos políticos (BRACHT, 1999).

Faz-se necessário uma breve descrição da concepção de aulas abertas a experiência, tornada conhecida no Brasil, pelo professor alemão Reiner Hildebrandt, que foi professor visitante da UFSM. Tal concepção, está explicitada em dois livros: um de autoria do professor Hildebrandt em conjunto com seu colega alemão R. Lasing (Hildebrandt e Lasing, 1986); e outro, resultado da divulgação e do trabalho

do professor Hidelbrandt no Brasil, o qual foi publicado por dois grupos de estudo, o da UFPE e o da UFSM (Visão didática da Educação Física, 1991).

De acordo com os grupos de estudo citados anteriormente, pode-se dividir a aula de Educação Física em duas concepções gerais de aula: concepção de aulas fechadas e concepção de aulas abertas.

Em relação a primeira, esta se constitui quando os conteúdos são definidos sistematicamente e se orientam em formas de comportamentos estáveis e com qualificações previamente definidas, e quando o ensino é entendido só como instrução ou ensino formal. Sob tal concepção, pode-se resumir as concepções de aulas orientadas, mais especificamente: no professor, no produto, nas metas definidas e na intenção racionalista.

Já, quando se trata da concepção de aulas abertas, define-se aquela aula em que o professor admite que os educandos são pessoas que sabem atuar juntas, que devem entender-se conjuntamente quanto ao sentido de suas ações. Isto significa que os alunos podem apresentar suas opiniões e realizar suas experiências, que resultam das suas histórias individuais do cotidiano. Por isso, os temas das aulas devem ser ambíguos e complexos, abertos aos interesses e as experiências que os alunos adquiriram nas suas histórias de vida. Sob esta concepção, pode-se resumir as concepções de aula orientada: no aluno, no processo, na problematização, e na comunicação. Segue quadro explicativo das concepções de aulas fechadas e concepções de aulas abertas.

NO PROFESSOR	NO ALUNO
1. Nas aulas orientadas pelo professor, ele é o centro das configurações da aula, com um monopólio absoluto do planejamento e da decisão. Ele decide em definitivo o que se faz, como se faz e como se avalia.	Nas aulas orientadas no aluno, o professor abandona seu monopólio absoluto do planejamento e da decisão e oferece aos alunos espaços substanciais de ação e decisão. Nas aulas, os alunos podem apresentar suas imagens, idéias e interesses, com respeito ao movimento, jogos e esporte, para participar da decisão sobre planejamento e realização da aula.
NO PRODUTO	NO PROCESSO
2. A aula orientada no produto é dirigida para um melhoramento do movimento técnico, das capacidades táticas e do nível da capacidade específico- esportiva. A aula é interessante para o professor, que só espera alcançar mais rapidamente possível o objetivo do movimento técnico.	Na aula orientada no processo, o andamento da aula e as ações desenvolvidas é que estão no centro do interesse didático e, com isso, o modo pelo qual os alunos têm relação conjunta e relação com a matéria esporte.
NAS METAS DEFINIDAS	NOS PROBLEMAS
3. A aula orientada nas metas definidas é construída para conseguir objetivos de aprendizagem bem definidos, que são formulados com atitudes motoras que os alunos devem realizar. Para alcançar a meta, os caminhos da aprendizagem já são especificados e as formas de organização de aula, também. O professor só deverá realizá-la. No final da aula há uma avaliação da aprendizagem, na qual o sucesso da aula é julgado.	A aula orientada nos problemas tem origem numa situação problemática. Por exemplo, criar um jogo com uma situação apresentada pelos alunos na aula ou com um problema resultante da própria aula. O importante é que as soluções não são fixadas anteriormente. Os alunos devem criar, experimentar e avaliar conjuntamente e com a ajuda do professor as várias possibilidades de solução.
NA INTENÇÃO RACIONALISTA	NA COMUNICAÇÃO
4. A aula orientada na intenção racionalista é determinada pelo planejamento, organização e orientação rigorosa as ações. Estas têm um objetivo definido, tanto no âmbito motor quanto tático e físico. Todas as ações do professor servem para dirigir e alcançar o objetivo da aula rapidamente e sem problemas.	A aula orientada na ação comunicativa tem um interesse didático na comunicação entre os alunos e o professor, sobre o sentido do esporte, e , ao mesmo tempo, sobre os objetivos, conteúdos e formas da aula. O mais importante com isso é a interação de alunos e professor. Nesta aula, o professor renuncia o monopólio do planejamento e será apenas um orientador do aluno. Com isso, os alunos podem integrar suas idéias, necessidades e impressões na aula e discuti-las com o professor.

Quadro explicativo das concepções alternativas de aula de Educação Física.

Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe – UFSM, 1991, p.39-40.

Por isso entende-se que a opção por aulas abertas a experiências é, antes de tudo, uma ação político-pedagógica por uma forma de desenvolvimento do processo de ensino-aprendizado em Educação Física, coerentes com a perspectiva de transformação social. Segundo o Grupo de Trabalho Pedagógico UFPe – UFMS estudiosos como: Paulo Freire, Reiner Hildebrandt, categorias como: no ato de construir, no ato de opinar, na atitude de criticar, na organização de aulas que motivem ações e reflexões, no estabelecimento de novas relações entre professor, aluno, conteúdo, visualiza-se bem a importância de aulas abertas a experiências, e estas categorias são relacionadas como fatores determinantes nas aulas, enfim, nas relações sociais.

2.2. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Caracterizar a nova Educação Física Escolar dentro de uma tendência pedagógica progressista que “sustenta a idéia de que a escola tem por função preparar os indivíduos para o desempenho de papéis sociais, de acordo com as aptidões individuais” (LIBÂNEO in. GHIRALDELLI, 1989), denota a necessidade de se ter um profissional da área que assuma condignamente a proposição de uma Educação Física dialética⁴ sob o ponto de vista de PEREIRA (1988), procurando mudar a realidade, valorizando e educando, mas não se conformando em ser meramente um professor neutro (PEREIRA, 1988).

Ainda, segundo GHIRALDELLI (1989), vale ressaltar que: “o trabalho do professor de Educação Física como socializador da cultura erudita⁵, vai além da pura e simples transmissão das técnicas de ginástica, do desporto, etc. É fundamental que a aula de Educação Física se transforme em um ambiente crítico, onde a riqueza cultural se estabeleça como trampolim para a crítica”.

⁴Educação Física dialética- concepção dialética de Educação Física, segundo PEREIRA (1988) leva em consideração a realidade que a cerca, todos os elementos constitutivos de sua existência, enfoca tudo o que influi na dinâmica dos processos educativos. As idéias norteadoras da ação pedagógica, os conteúdos curriculares e os métodos didáticos, enfim, todas as facetas e elementos relativos à Educação devem ser tratadas tendo-se em conta o contexto sócio- político, pois o sistema político-econômico é que determina o sistema educativo.

⁵ cultura erudita, esta sendo utilizada conforme proposto por GHIRALDELLI (1989).

Não é recente a tentativa de se estabelecer o elo entre Educação Física e Educação, pois, segundo OLIVEIRA (1985) a "relação entre Educação Física e Educação é evidenciada em diversas fases da história da humanidade, e pela preocupação de vários pensadores e educadores em valorizar a Educação Física no contexto geral da Educação".

A Educação Física nacional, bem como a Educação em geral acompanham problemas de ordem político-econômica que dizem respeito, em última análise, a uma totalidade sócio-cultural. A ideologia da não-valorização cultural faz com que a situação da Educação Física brasileira seja atribuída a fatores simplesmente educativos. Geralmente, a educação corporal é vista como um componente curricular diferente, que ora se caracteriza pelo lúdico ou então pela rigidez RESENDE (1994).

A escola inserida na sociedade, discutindo os problemas que lhe são próprios e vivendo os conflitos nas dimensões reais, é caminho da reflexão para a transformação .

Dessa forma, a dialética como estratégia, recusa a opção por conhecimentos destinados a permanecer precários e conhecimentos como resultado de verdades relativas e cuja articulação se dá pela caminhada lenta da história da humanidade.

Pensando-se na Educação Física Escolar com o objetivo de que a mesma apresente um referencial teórico capaz de orientar uma prática docente comprometida com o processo de transformação social, é que se percebeu a necessidade de uma análise histórica recente da Educação Física brasileira no que diz respeito ao seu conteúdo.

2.3. CONTEXTUALIZAÇÃO A PEDAGOGIA HISTÓRICO- CRÍTICA

A Pedagogia Histórico-Crítica é uma das vertentes da Pedagogia Progressista, referendada nos princípios do materialismo histórico, que vem diferenciando-se de outras concepções de ensino, a partir da década de 80 onde a mesma começou a ser discutida mais coletiva e amplamente.

As bases do materialismo histórico foram colocadas na obra: "A Ideologia Alemã"(1845-46) escrita por Marx e Engels, que "buscam nas formações sócio-

econômico nas relações de produções de produção os fundamentos verdadeiros da sociedade.” (TRIVIÑOS, 1987).

TRIVIÑOS (1987) entende que o materialismo histórico é a “ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade.”

CURY (1989) identifica que o “pressuposto desta sociedade são as relações sociais inerentes ao capitalismo, ainda que em geral, entende que a densidade histórica da Educação estará em relação com as necessidades de produção social.”

Entende-se que a Educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, sendo que a compreensão da Educação passa pela compreensão da natureza humana não podendo ser desvinculada a questão do trabalho; sendo assim, a Educação é “uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 1991).

A aquisição do saber é uma necessidade humana que possibilita uma ampliação das capacidades dos homens para seu desenvolvimento numa atividade material e social.

A Pedagogia Histórico-Crítica em vias de consolidar-se como uma prática pedagógico busca seus fundamentos a partir do entendimento da Educação tendo em vista as relações sociais e suas “manifestações no desenvolvimento histórico social. Tem como objetivo principal a transmissão de conteúdos clássicos do saber sistematizado e elaborado cientificamente contido nas matérias de estudo, por métodos da apropriação ativa e outros processos pedagógicos, como requisito para a ação prática humana no mundo do trabalho e da vida social “ (LIBÂNEO, 1985).

Portanto, a Pedagogia Histórico-Crítica originou-se pela necessidade em compreender a Educação a partir de um desenvolvimento histórico e objetivo, ou seja, concreto, buscando referências para esclarecimento no materialismo histórico, que explica a divisão da sociedade em classes.

Na sociedade capitalista o saber é produzido na relação entre as classes em conflito, por isso a tendência é tornar esse saber elaborado exclusivamente da classe dominante, limitando os trabalhadores na utilização do mínimo necessários à sua sobrevivência na condição de dominados.

Assim, a questão da socialização do saber elaborado cientificamente, preconizado pela Pedagogia Histórica-Crítica, inspira-se todo na concepção do Materialismo Histórico Dialético, pela crítica da sociedade capitalista, desenvolvida por Marx e Engels.

Através de um estudo realizado sobre as tendências e correntes da Educação Brasileira efetuou-se se uma classificação das correntes pedagógicas em dois grupos assim denominados: Modelo Social Liberal Conservador e Modelo Social Transformador. As Pedagogias Tradicional, Renovada (Escola-Nova) e Tecnicista pertencem ao primeiro modelo. As Pedagogias Libertadora, Libertária e Pedagogia dos Conteúdos ou Histórico-Crítica caracterizam o segundo modelo.

Com relação a estas classificações a abordagem será feita numa relação direta com a Educação Física em cada momento onde prevaleceu a tendência, com intuito de enquadrá-la em uma perspectiva progressista, levando-se em consideração sua história e evolução.

2.4. EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL E A LEGISLAÇÃO PERTINENTE NA ÁREA

O parecer de Rui Barbosa no Projeto n.º 224/1882, denominado “Reforma do Ensino Primário, e de Várias Instituições Complementares da Instituição Pública”, vem reforçar a inclusão de ginástica nos programas escolares. Na verdade ele é um dos precursores da Educação Física na escola.

Surge citada, primeiramente, na Constituição de 1937, que traz em seus Art. 131e 132:

“ A Educação Física, o ensino cívico, e o de trabalhos manuais serão obrigatórios em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça aquela exigência”; Art. 132: “ O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim organizar para a juventude período de trabalho manual nos campos e oficinas, assim como promover-lhe a disciplina moral e o adestramento físico, e de maneira a preparar-lhe ao cumprimento dos deveres para com a economia e a defesa da Nação”.

Percebe-se então que ela situa-se em caráter de obrigatoriedade no Art. 131, e no Art. 132 trazendo o adestramento físico como ponto principal.

A seguir, a Educação Física é regida pelo Decreto Lei n.º 69450 de 1º de novembro de 1971 que fala:

Art. 1: a Educação Física, atividade que por seus meios, processos e técnicas desperta, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, civis, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional; Art. 2: a Educação Física desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer ensino. Art. 3: No ensino primário, por atividades físicas de caráter recreativo, de preferência as que favoreçam a consolidação de hábitos higiênicos, o desenvolvimento corporal e mental harmônico, a melhoria da aptidão física, o despertar do espírito comunitário, da criatividade, senso moral e cívico, além de outras que concorram para completar a formação integral da personalidade.

Em específico à esta área, o Ministro da Educação, através da Secretaria de Educação e Desportos publicou, por sua vez: Diretrizes de Implantação e Implementação da Educação Física na Educação Pré-Escolar e no Ensino de Primeira a Quarta Séries do 1º Grau, ano de 1982.

O objetivo maior foi o de orientar, motivar e conscientizar os responsáveis pelo desenvolvimento da Educação Física no país, respeitando as características de crescimento e desenvolvimento das crianças nesta fase escolar. Levantar dados sobre a área e os problemas da mesma.

Atualmente, com a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), n. 9.394/ 96, em 20/ 12/ 96, vive-se mais um intenso movimento na educação brasileira.

2.4.1. DA LEI ANTIGA 5.692/71 À NOVA LEI 9.394/96

As mudanças da lei antiga para a nova lei, inicia-se justamente no que diz respeito a sua obrigatoriedade. Esta obrigatoriedade do ensino da Educação Física, determinada pela antiga LDB, incluía todos os graus do então sistema de ensino e era normatizada pelo Decreto 69.450/71, de 1/11/71. Já, o artigo 26 da nova LDB estabelece que:

“ §3 A educação física, integrada a proposta pedagógica da escola, e componente curricular da Educação Básica, ajustando-se as faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.”

A obrigatoriedade da Educação Física na escola foi distribuída na educação básica: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Porém, para não deixar qualquer tipo de dúvida, é importante registrar que tal obrigatoriedade esta explícita no Parecer n. 376/97, de 11/6/97, do Conselho Nacional de Educação, que reafirma o §3 do artigo 26 da nova LDB, enfatizando que a Educação Física é sim componente curricular da educação básica, cuja oferta deverá ser integrada a proposta pedagógica da escola. Observa-se, também, que o Parecer n. 5/97, de 7/5/97, da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, garante que os componentes curriculares que integrarão a base comum nacional, soma-se a Educação Física, nos termos da lei.

No entanto, tal disciplina, deixa de ser componente curricular obrigatório da educação superior, passando a ser facultativa nos cursos noturnos. Conclui-se assim, que a Educação Física, a partir da nova LDB, pode experimentar três diferentes processos: inserção curricular, permanência curricular e ainda, exclusão curricular.

2.4.2. REFLEXÃO SOBRE AS DIRETRIZES CURRICULARES

Tendo como intenção de estudo à prática atual de um professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino, faz-se necessário um resgate das Diretrizes Curriculares, publicadas em 1999, esta entende Educação Física como sendo:

“prática pedagógica capaz de promover o desenvolvimento da consciência corporal e de competências para a realização voluntária e consciente de suas práticas, propiciando a compreensão e explicitação da realidade, bem como a atuação do aluno como sujeito ativo, responsável pela construção e transformação dessa realidade social.”

Segundo esta diretriz em discussão, a Educação Física abordará assim, elementos da Cultura Corporal, entendendo tais elementos como acervo de conhecimentos, construídos nas relações sociais. Este elementos são: Ginástica, Jogo, Dança, Esporte, Luta. A Educação Física juntamente com as demais áreas de conhecimento, dará oportunidade a análise crítica da relação entre a sua prática e as questões sociais, os temas transversais, como: violência, consumismo, competitividade, sexualidade, tendo por intenção promover a formação de conceitos

mais amplos, tais como corporalidade⁶, cultura corporal, sociedade, trabalho, poder, lazer, entre outros.

Estas diretrizes curriculares em discussão, estão fundamentadas no Parâmetros Curriculares Nacionais, em vista disto, veremos o que dizem os PCNs específicos à área escolar do 1º e 2º ciclos.

2.4.3. EDUCAÇÃO FÍSICA: OBJETIVOS PARA OS CICLOS

O quadro a seguir, foi retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais, específico para a Educação Física, 1997:

CICLO 1	CICLO 2
1. Participar de diferentes atividades corporais, procurando adotar uma atitude cooperativa e solidaria, sem discriminar os colegas pelo desempenho ou por razões sociais, físicas, sexuais ou culturais; 2. Conhecer algumas de suas possibilidades e limitações corporais de forma a poder estabelecer algumas metas pessoais (qualitativas e Quantitativas); 3. Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações de cultura corporal presentes no cotidiano; 4. Organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples.	1. Participar de atividades corporais, reconhecendo e respeitando algumas de suas características físicas e de desempenho motor, bem como as de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais; 2. Adotar atitudes de respeito mutuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, buscando solucionar os conflitos de forma não-violenta; 3. Conhecer os limites e as possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas atividades corporais com autonomia e a valorizá-las como recurso para manutenção de sua própria saúde; 4. Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura não- preconceituosa ou discriminatória por razões sociais, sexuais ou culturais; 5. Organizar jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruto do tempo disponível; 6. Analisar alguns dos padrões de estética, beleza e saúde presentes no cotidiano, buscando compreender sua inserção no contexto em que são produzidos e criticando aqueles que incentivam o consumismo.

⁶ corporalidade: conjunto de práticas corporais do homem, sua expressão criativa, seu reconhecimento consciente e sua possibilidade de comunicação e interação na busca da humanização das relações dos homens entre si e com a natureza. A corporalidade se consubstancia na prática social a partir das relações de linguagem, poder, trabalho, a sociedade capitalista contemporânea (OLIVEIRA, 1999).

2.4.4. CONTEÚDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OS CICLOS

Observa-se que no primeiro ciclo, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), devido a diferenciação das experiências e competências de movimentos de meninos e meninas, os conteúdos devem abranger atividades que evidenciem tais competências de forma a promover uma troca entre estes dois grupos. As atividades lúdicas e competitivas (jogos com bola, de corrida, força e agilidade) nas quais os meninos tem um maior aproveitamento, devem ser misturadas, ou melhor, mescladas com atividades lúdicas e expressivas (pequenas coreografias, jogos e brincadeiras que envolvam equilíbrio, ritmo, coordenação), as quais as meninas, geralmente, tem uma experiência maior.

De acordo com os PCNs, no plano especificamente motor, os conteúdos devem abordar a maior diversidade de possibilidade, como: correr, saltar, arremessar, equilibrar objetos, receber, equilibrar-se, arrastar, rolar, quicar bolas, bater e rebater com as mais diversas partes do corpo e com objetos, nas mais diferentes situações. Sendo que tais explorações e experiências devem ocorrer principalmente individualmente, ou seja, neste primeiro ciclo e necessário que a criança tenha acesso aos objetos como bolas, cordas, colchões, bastões, em situações não- competitivas, que garantam espaço e tempo para o trabalho individual.

Segue abaixo, a lista daqueles conteúdos a serem trabalhados neste primeiro ciclo:

CONTEÚDOS PARA O PRIMEIRO CICLO
1. Participação em diversos jogos e lutas, respeitando as regras e não discriminando os colegas;
2. Explicação e demonstração de brincadeiras aprendidas em contextos extra- escolares;
3. Participação e apreciação de brincadeiras ensinadas pelos colegas;
4. Resolução de situações de conflito por meio do dialogo, com a ajuda do professor;
5. Discussão das regras dos jogos;
6. Utilização de habilidades em situações de jogo e luta, tendo como referencia de avaliação o esforço pessoal;
7. Resolução de problemas corporais individualmente;

8. Avaliação do próprio desempenho e estabelecimento de metas com o auxílio do professor;
9. Participação em brincadeira cantadas;
10. Criação de brincadeiras cantadas;
11. Acompanhamento de uma dada estrutura rítmica com diferentes partes do corpo;
12. Apreciação e valorização de danças pertencentes a localidade;
13. Participação em danças simples ou adaptadas, pertencentes a manifestações populares, folclóricas ou de outro tipo que estejam presentes no cotidiano;
14. Participação em atividades rítmicas e expressivas;
15. Utilização e recriação de circuitos;
16. Utilização de habilidades (correr, saltar, arremessar, rolar, bater, rebater, receber, amortecer, chutar, girar, etc.) durante os jogos, lutas brincadeiras e danças;
17. Desenvolvimento das capacidades físicas durante os jogos, lutas, brincadeiras e danças;
18. Diferenciação das situações de esforço e repouso;
19. Reconhecimentos de algumas das alterações provocadas pelo esforço físico, tais como excesso de excitação, cansaço, elevação de batimentos cardíacos, mediante a percepção do próprio corpo.

Quadro retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Já no segundo ciclo, de acordo com os PCNs, os conteúdos abordados serão um aperfeiçoamento dos conteúdos do primeiro ciclo. As habilidades e capacidades, podem receber um tratamento mais específico, partindo do princípio de que os alunos já reúnem condições de compreender determinados recortes que podem ser feitos ao se analisar os tipos de movimentos envolvidos em cada atividade. A apreciação das mais diversas manifestações da cultura corporal pode ocorrer com a incorporação de mais aspectos e detalhes. Nesse momento, também, as crianças estão mais cientes das diferenças entre sexos, portanto ainda deve-se tomar cuidado em relação ao que se refere aos tipos de movimentos de acordo com as experiências e competências de meninos e meninas.

Em se tratando das discriminações e do preconceito deve-se abranger dimensões mais amplas do que as da própria classe econômica. Ao se tratar das manifestações corporais das diversas culturas, deve-se salientar a riqueza da diferença e a dimensão histórico-social de cada uma. Trabalhando a igualdade na

diversidade, ou seja, valorizar as diferenças individuais porém trabalhando a igualdade, respeitando esta diversidade existente (multiplicidade). Deve-se manter o cuidado porque em nome da diferença acaba-se trabalhando e até mesmo propagando as desigualdades.

Segue abaixo, um quadro com os conteúdos para o segundo ciclo, segundo os PCNs:

CONTEUDOS PARA O SEGUNDO CICLO
1. Participação em atividade competitivas, respeitando as regras e não discriminando os colegas, suportando pequenas frustrações, evitando atitudes violentas;
2. Observação e análise do desempenho dos colegas, de esportistas, de crianças mais velhas ou mais novas;
3. Expressão de opiniões pessoais quanto a atitudes e estratégias a serem utilizadas em situações de jogos, esportes e lutas;
4. Apreciação de esportes e lutas considerando alguns aspectos técnicos, táticos e estéticos;
5. Reflexão e avaliação de seu próprio desempenho e dos demais, tendo como referência o esforço em si, prescindindo, em alguns casos, do auxílio do professor;
6. Resolução de problemas corporais individualmente e em grupos;
7. Participação na execução e criação de coreografias simples;
8. Participação em danças pertencentes a manifestações culturais da coletividade ou outras localidades, que estejam presentes no cotidiano;
9. Apreciação e valorização de danças pertencentes a localidade;
10. Valorização das danças como expressões da cultura, sem discriminações por razões culturais, sociais ou de gênero;
11. Acompanhamento de uma dada estrutura rítmica com diferentes partes do corpo, em coordenação;
12. Participação em atividades rítmicas e expressivas;
13. Análise de alguns movimentos e posturas do cotidiano a partir de elementos socioculturais e biomecânicos;
14. Percepção do próprio corpo e busca de posturas e movimentos não- prejudiciais nas situações do cotidiano;
15. Utilização de habilidade motoras nas lutas, jogos e danças;
16. Desenvolvimentos de capacidades físicas dentro de lutas, jogos e danças, percebendo

limites e possibilidades;

17. Diferenciação de situações de esforço aeróbico, anaeróbico e repouso;

18. Reconhecimento de alterações corporais, mediante a percepção do próprio corpo, provocadas pelo esforço físico, tais como excesso de excitação, cansaço, elevação de batimentos cardíacos, efetuando um controle dessas sensações de forma autônoma e com o auxílio do professor.

2.4.5. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA OS CICLOS

Os critérios para a avaliação no primeiro ciclo, segundo os PCNs, são destacados em três:

1. enfrentar desafios corporais em diferentes contextos como circuitos, jogos e brincadeiras.

Neste primeiro critério, pretende-se avaliar se o aluno/a demonstra segurança ao experimentar situações propostas em aula ou em situações cotidianas de aprendizagem corporal;

2. participar das atividades respeitando as regras e a organização.

Tal critério de avaliação, segundo os PCNs, pretende avaliar se o aluno/a participa adequadamente das atividades, respeitando as regras, a organização, com empenho em utilizar os movimentos adequados a atividade proposta;

3. interagir com seus colegas sem estigmatizar ou discriminar por razões físicas, sociais, culturais ou de gênero.

Neste último critério de avaliação, os PCNs afirmam que pretende-se avaliar se o aluno respeita as diferenças individuais e se participa de atividades com os demais alunos, auxiliando aqueles que tem mais dificuldades a aceitando ajuda dos que tem uma maior competência.

Já no segundo ciclo, também são três os critérios de avaliação, segundo os PCNs. Seguem os critérios abaixo:

1. enfrentar desafios colocados em situações de jogos e competições, respeitando as regras e adotando uma postura cooperativa.

Neste primeiro critério de avaliação, procura-se avaliar se o aluno/a aceita os limites impostos pelas situações de jogo, tanto no que se refere as regras até no que diz respeito a sua possibilidades de desempenho e interação com os demais

alunos/as. Almeja-se que o aluno/a tolere pequenas frustrações sendo capaz de colaborar com colegas, mesmo que estes sejam menos ou mais competentes, participando do jogo com entusiasmo;

2. estabelecer algumas relações entre a prática de atividades corporais e a melhora da saúde individual e coletiva.

Procura-se avaliar se o aluno/a reconhece que os benefícios para a saúde provêm da realização de atividades corporais regulares, se o/a aluno/a tem critérios para avaliar seu próprio avanço.

3. valorizar e apreciar diversas manifestações da cultura corporal, identificando suas possibilidades de lazer e aprendizagem.

Segundo os PCNs, este critério pretende avaliar se o aluno/a reconhece que as diferentes formas de cultura são meios de aprendizagem de diferentes tipos de movimentos de expressão. Espera-se também, que o aluno/a não discrimine produções culturais por quaisquer razões sociais, étnicas ou de gênero.

2.5. O PLANEJAMENTO NAS AULAS DE EDUCACAO FISICA

Consideramos conforme proposto por Hernandez in. COSTA (1995), o planejamento como a etapa intermediária entre o conhecimento teórico construído pelos docentes durante sua formação pedagógica e a ação concreta a realizar. Esta forma de pensar leva a reflexão de que planejamos voltados para a prática, o que desvincula a idéia de atividade de planejar com mera ação formal e burocrática.

Na prática diária escolar, tem-se convivido com professores de diferentes graus de ensino que resistem a idéia de elaborar um plano de ensino, o que denota uma possível incapacidade técnica ou descrença no ato de planejar (COSTA, 1995).

GANDIN (1993), ao responder seu próprio questionamento “porque não gostamos de planos?”, relaciona entre outros motivos, a existência de “poucos planejadores e muitos executores e avaliadores”, a falta de capacitação técnica das pessoas que elaboram ou orientam o ato de planejar e o estrito relacionamento entre “plano e gaveta”. Para LUCKESI (1990), o planejamento deve ser entendido como um ato de decisão. Não importa como será feito o registro das decisões, ou seja, é

indispensável um formulário próprio, relevante a decisão que vai indicar o caminho a seguir.

Hernandes in. COSTA (1995), considera importante também ter em vista que, antes de planejar, há que se definir os níveis de decisão que serão estabelecidos a partir de um referencial teórico comum a toda a escola, onde devem ser consideradas: a realidade em que se encontra inserida a escola (referencial contextual ou sociológico), as finalidades, objetivos que orientam a ação (referencial filosófico-político), a definição e a escolha de formas de ação (referencial metodológico).

O ato de planejar deve ser efetivado dentro de um projeto coletivo institucional. Assim, o planejamento de ensino do professor deve ser precedido de um projeto pedagógico e de um planejamento curricular institucional. O projeto pedagógico da escola define os objetivos políticos da ação assim como as linhas mestras a serem seguidas. Ao planejamento curricular cabe dimensionar os conteúdos sócio-culturais a serem trabalhados com os alunos (LUCKESI, 1990).

Lopes in. COSTA (1995), identifica momentos ou etapas na construção de um planejamento de ensino.

O primeiro momento inicia-se com um diagnóstico da clientela escolar, procurando caracterizar os interesses e necessidades dos alunos para os quais está sendo elaborado o plano.

No segundo momento, a definição dos objetivos a serem alcançados, a sistematização do conteúdo programático e o estabelecimento dos procedimentos de ensino a serem utilizados, caracterizam este momento.

Já o último e terceiro momento, refere-se a sistematização do processo de avaliação. Destaca-se, porém, que a identificação de momentos no planejamento não significa o desenvolvimento de partes estanques dentro desse processo, uma vez que planejar é uma ação global e integradora.

A questão do planejamento não pode, portanto, ser compreendida desvinculada da especificidade da escola, das competências técnica e política do professor e ainda das relações existentes entre escola, educação e sociedade.

3. METODOLOGIA

3.1. CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

O estudo caracteriza-se por ser uma pesquisa de campo de cunho descritivo, objetivando descrever a prática pedagógica de uma professora relacionando seu planejamento de ensino, de uma Escola da Rede Municipal do Ensino de Curitiba, sendo o ensino desta infantil e fundamental (1º e 2º ciclos).

No primeiro momento da pesquisa, foi realizada uma observação da realidade escolar onde a professora aplicou suas aulas. Quando nos remetemos a tal realidade, estamos falando a respeito das condições onde a escola está inserida, seja esta física, social e econômica.

Neste sentido, as condições físicas desta para a aula de Educação Física é caracterizada pela existência de um campo de futebol, um “parquinho” próximo a algumas árvores; um espaço coberto pequeno, o popular “pátio coberto”.

A escola oferece cantina terceirizada, farol do saber acoplado a escola, cinco assistências da ECO-Salva por mês (sem nenhuma despesa financeira à escola), auxílio odontológico uma vez por semana (flúor).

Quando trata-se da realidade econômica e social, encontra-se uma escola inserida em um bairro de classe média.

Outro aspecto que vale ressaltar, é o fato de que esta comunidade é bem presente na escola (este comprovado pela minha participação nesta comunidade há muitos anos), pois além dos eventos festivos que a escola oferece (festa junina, fim de ano,...), esta propõe cursos noturnos à comunidade (inglês, espanhol, computação, capoeira, ginástica local, ballet, jazz, judô), o que possibilita uma maior integração social entre escola e comunidade.

Já em um segundo momento desta pesquisa, foi realizada a observação das aulas de Educação Física do primeiro e segundo ciclos e entregue um questionário a professora observada. Cabe ressaltar que as aulas de Educação Física foram observadas durante todo o ano letivo de 2000 (durante a disciplina de prática de ensino e estágio supervisionado), porém as anotações escritas deste estudo, foram feitas em um período de duas semanas.

Como o problema principal é a aula de Educação Física, a partir da prática da professora e seu planejamento, algumas questões mais intrínsecas á aula propriamente dita, foram emergindo:

- Existe planejamento prévio das aulas?
- Qual a importância dada a disciplina de Educação Física dentro do contexto escolar?
- Qual a formação educacional da professora?
- Qual a estratégia metodológica presente nas praticas pedagógicas?

A análise dos dados coletados levou em consideração a constatação da observação, juntamente com questionário e a revisão bibliográfica.

Para esta observação centrei o foco em dados que constam no questionário em anexo:

- planejamento;
- objetivos da disciplina;
- conteúdos trabalhados;
- procedimento metodológico cotidiano;
- avaliação;
- materiais utilizados;
- relação professora-aluno/a;
- relação planejamento e a prática pedagógica;
- presença de objetivos e outras demais situações problemas que foram surgindo durante a prática.

3.2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O primeiro contato foi com a supervisora da escola, que afirmou que a Prefeitura fornece a todas as escolas municipais um Currículo Básico da Rede Municipal de Ensino de Curitiba (RME) juntamente com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). No primeiro, constam os conteúdos de Educação Física, Português, Matemática, Ciências, História e Geografia, que deverão ser ministrados durante o ano escolar nas diversas séries que a escola possui.

Já os PCNs, estes fornecem as diretrizes para que cada escola construa seu projeto pedagógico. Toda a fundamentação do currículo básico e da proposta educacional da escola foi retirada destes Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) fornecidos pelo governo Federal.

Com as citações dos parágrafos acima, conclui-se que a escola está inserida em uma proposta educacional preestabelecida ainda que não faça adequações de acordo com o seu contexto, porém pelo fato de tal proposta curricular existir, não se refere a uma provável omissão de um planejamento das aulas. No currículo, todos os conteúdos existentes no RME, são citados. Por exemplo, em um dado momento do currículo cita-se: “correr para frente/ correr para trás”, aconselhado para crianças de uma determinada série. Se no cronograma está escrito: “correr para frente/ correr para trás”, isto não impossibilita que um professor, ao invés de simplesmente pedir para que os alunos corram para frente e para trás faça uma aula mais criativa, motivante e dinâmica, onde os alunos possam, ao mesmo tempo, brincar e atingir os objetivos do currículo, ou seja, esta aula será planejada, objetiva, motivante e dinâmica. Após esta conversa sobre o currículo escolar, foi-se direto ao assunto referente a disciplina de Educação Física.

Quando perguntou-se qual a importância que a Educação Física tinha para a escola, a resposta foi simples e objetiva: “é obrigatória! “. Ao receber tal resposta, a supervisora ainda complementou que seria no horário da aula de Educação Física, que os professores das demais matérias teriam tempo para corrigir provas e cadernos. Dessa forma nos perguntamos: até que ponto esta Educação Física “obrigatória” irá chegar?

A partir da resposta acima, surgiu a necessidade de evidenciar na prática da aula de Educação Física, se esta simples “obrigatoriedade” da Educação Física era vista também pela professora desta disciplina, ou se pelo menos este, dava a devida importância para tal.

Foram observadas as aulas de Educação Física, com duração de cinquenta minutos, em muitas situações ao longo do ano letivo de 2000. Para exemplificar, vamos descrever o que normalmente acontecia nas aulas, com uma turma de 1º ciclo. As turmas foram as mesmas propositalmente, para que se pudessem observar

os objetivos e conteúdos trabalhados. Esta turma era de primeira série, mista (meninos e meninas).

A professora, durante os dias observados, buscava as crianças na sala de aula, com os alunos dispostos em duas filas (meninos e meninas), dirigiam-se em silêncio pelo corredor principal da escola, até o pátio coberto. Após a chegada ao local, a professora solicitava aos alunos que sentassem no chão para anunciar que a aula seria livre. O que ocasionava nos alunos uma certa euforia. Neste caso, surge uma questão a ser discutida: existe algo mais motivante para estas crianças que estão a tarde inteira em salas de aula tendo as matérias teóricas e escutar a palavra livre? Nota-se então, que nestas aulas esteve presente a motivação, pelo simples fato do aluno se sentir livre para fazer o que quiser (dentro de certos limites: espaço, tempo, cooperação), naqueles cinquenta minutos de aula. Como não estariam presentes e participativos em uma aula livre?

Neste caso, pôde-se comprovar que a liberdade das suas próprias ações, levou a não dispersão de todos os alunos, pois nenhum deles ficou sem fazer nada, apesar de que cada um com seu "grupinho". Um exemplo de dispersão (se é que não houve uma constante dispersão inconsciente na aula inteira), pode ser observado no caso em que um grupo de meninas cansou de brincar de "fazer comidinha" na areia do parquinho (atividade esta, mais praticada socialmente pelas meninas), e ficou alguns minutos parados, porém já pensando em outra brincadeira, que tão logo colocaram em prática, que foi brincar no "trepa-trepa" do parquinho.

Outra questão problematizada foi quanto a permissão que a professora dava aos alunos e alunas para que estes dessem suas opiniões durante as aulas. Porém, pelo fato das aulas terem sido livres, com isso pode-se observar que estas aulas eram da autoria destas crianças, mesmo sem estes terem noção de tal liberdade de opinião.

Foi muito importante observar, também, a relação entre professora e aluno/a, aluno/a e aluno/a, menino e menina. Na relação professor e aluno, observou-se, apesar das aulas terem sido livres, uma boa relação entre professor e aluno, tanto é que uma grande quantidade de alunos/as convidou a professora para brincar junto. No entanto, em virtude das crianças estarem realizando aulas livres fica precipitado afirmar que o relacionamento professora e aluno/a é bom. Já na relação aluno/a e

aluno/a, observou-se que a turma estava dividida em um pequeno número de grupos, apenas quatro com, sempre aproximadamente seis crianças cada, o que faz com que se observe que a relação entre os alunos era de união, sendo, também, que nenhum aluno ficou sozinho, sem brincar. Por fim, a relação meninos e meninas, respectivamente, demonstrou uma certa separação entre os sexos, onde as meninas brincavam mais no parquinho, e os meninos jogavam futebol lúdico.

Ao observar os recursos materiais usados nas aulas, a utilização de uma bola “dente-de-leite” para os meninos jogarem futebol. Porém ao entrar na sala do professor de Educação Física, foi observado a existência de uma grande variedade de recursos, materiais como: bolas de vôlei, basquete, futebol; cordas, bambolê, massas (para corridas de estafetas), arcos, bastões.

3.2.1. O PLANEJAMENTO

O planejamento significa rever as ações e intenções a serem concretizadas no dia-a-dia da escola, que visa orientar o caminho para chegar a um determinado objetivo.

Para CANFIELD (2001) o planejamento é a razão de ser de todo trabalho pedagógico consciente. É o que orienta o/a professor/a na sua caminhada pedagógica em busca da aprendizagem. É um companheiro inseparável no percurso de valorização do/a professor/a. Ainda para a mesma autora, somente com o planejamento, saberemos o que queremos, como nos conduzirmos e aonde chegar. É a partir do planejamento que conduziremos o trabalho de acordo com o contexto em que este se insere, conforme sua diversidade, com os/as alunos/as singulares, inseridos em uma particular comunidade, num determinado tempo.

Vejamos o que diz a professora sobre o planejamento de sua prática pedagógica: existe planejamento das aulas, porém nem sempre usa as orientações curriculares, contando somente com o auxílio da orientadora da escola para fazer tal planejamento.

Porém, não temos como saber se isto realmente é verdade pois ao solicitarmos o planejamento que a professora diz fazer, ela nos entregou o Currículo da Prefeitura específico para a Educação Física. Pela observação das aulas,

percebemos que não existia uma organização programática de conteúdos, uma ligação entre a seqüência das aulas. Sendo que a maioria das aulas eram livres, ou seja, o aluno, nestas aulas, escolhe o que quer fazer. Assim fica em aberto a questão: o planejamento é colocado em prática?

Entendemos que refletir sobre planejamento implica em falar de objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação, pois são os elementos que compõem um planejamento. Discutir tais aspectos poderá esclarecer a questão levantada acima.

3.2.2. OS OBJETIVOS DA DISCIPLINA

Os objetivos são o ponto de partida do processo pedagógico. Eles representam as exigências da sociedade, com relação ao ensino, à escola, aos alunos, e também refletem as opções políticas e pedagógicas dos agentes educativos em face as contradições sociais existentes na sociedade (LIBÂNEO, 1985).

A literatura diz que muitos são os objetivos da prática da Educação Física na escola, porém verificou-se que para a professora observada, os objetivos não estão muito claros. A professora declarou que existe o objetivo de participação mútua e prazerosa. Daí nos perguntamos: o que deve ser mútua e prazerosa? A frequência dos alunos? E o que a participação tem a ver diretamente com os objetivos de conteúdo da disciplina de Educação Física? Conclui-se então que a professora foi subjetiva ao responder a pergunta proposta, tendo em vista os objetivos da Educação Física Escolar como ponto de partida do processo pedagógico, representando as exigências da sociedade.

Entendeu-se que a professora explicitou, como único objetivo: a participação mútua e prazerosa. Deixando a desejar os demais objetivos de conteúdos que são essenciais na Educação Física escolar.

Se não temos presente o(s) objetivo(s) do ensino de Educação Física; o que estaremos fazendo? Como queremos que a Educação Física tenha o devido reconhecimento pela sociedade se não sabemos dar sua devida importância?

3.2.3. OS CONTEÚDOS TRABALHADOS

Segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992), os conteúdos são conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividade corporais e à explicitação das suas significações objetivas. Os conteúdos em Educação Física são elementos importantes dentro de um planejamento haja visto serem os conteúdos, os meios pelos quais se buscará alcançar os objetivos propostos.

Em relação aos conteúdos trabalhados, a professora deu o seguinte depoimento: correr, saltar, arremessar, rolar, bater, chutar...

Observou-se, então, que a professora foi bem clara e objetiva, pois citou sem nenhum argumento, todos os conteúdos que estão envolvidos em suas aulas.

Visto que os conteúdos são elementos de um planejamento, ou seja, os meios pelos quais se buscará os objetivos propostos; a professora citou os conteúdos acima, porém notou-se, com as observações das aulas, que não existe uma organização de conteúdos, fato este justificado também a não execução do planejamento pela professora.

3.2.4. O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO COTIDIANO DAS AULAS

Cunha citado por CANFIELD (2001) ressalta que um bom número de professores apresentam habilidades relacionadas com a organização do contexto da aula. Isto significa que os bons professores explicitam para os alunos os objetivos do estudo que vão realizar. Partem do pressuposto de que é preciso que os alunos estejam conscientes do objeto de sua própria aprendizagem e que estarão mais motivados se compreenderem porque o fazem.

A professora coloca que os procedimentos cotidianos nas aulas são respeito e participação. Acreditamos que o que a professora respondeu, são atitudes que ela exige que exista durante suas aulas, tanto com professora-aluno/a e aluno/a-aluno/a. Porém, será que tais atitudes são procedimentos metodológicos ou são conseqüências destes procedimentos? Ou ainda exigências a serem feitas pela professora para esta alcançar seus objetivos dando assim continuidade em seu

planejamento? Se é que este existe. Observamos que as aulas não estão enquadradas em nenhuma das tendências especificamente, vistas na revisão de literatura.

3.2.5. A AVALIAÇÃO

LUCKESI (1990) considera que a avaliação deve ser um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos aluno. A avaliação deve tanto ajudar o professor como o aluno a se auto-reavaliarem e, em conjunto, encontrarem uma forma de redimensionarem o processo, quando necessário.

Sobre o processo de avaliação a professora observada coloca que a criança é avaliada sempre com um todo, desde as pequenas “coisas” como a maior do que esta consegue fazer.

Conclui-se com tal declaração, que a professora está coerente com o objetivo proposto, pois segundo sua fala, ela avalia as crianças de uma forma mais qualitativa do que quantitativa, avaliando o aluno como um todo e as ações que este consegue fazer. Entretanto nas aulas observadas não teve como saber se realmente esta avaliação existiu.

3.2.6. OS MATERIAIS UTILIZADOS

Faria Júnior citado por CANFIELD (2001) considera o material e os instrumentos auxiliares de ensino usados nas aulas, fatores de motivação no que concerne à Educação Física, e tornam o aprendizado mais atraente.

Sobre a utilização de materiais, a professora declarou que utiliza bolas, perna-de-pau, cordas, petecas, sucatas, rede de vôlei, músicas diversas, etc...

Em relação tanto a observação das aulas quanto ao questionário apresentado, a professora realmente fez a utilização dos materiais mencionados, porém alguns são utilizados com maior frequência (bolas e cordas), já os demais de maneira esporádica. Na maioria das vezes, os materiais eram colocados no espaço para a prática, sendo que os alunos escolhiam os que desejavam utilizar.

3.2.7. AS DIFICULDADES

GONÇALVES (1992) questiona se muitas dificuldades sentidas no decurso da carreira não seriam ultrapassadas, ocasionando menos crises e determinando um maior empenho profissional, se um projeto conseqüente de formação contínua acompanhasse e desse resposta adequada às necessidades específicas dilatadas pelas diversas etapas do processo de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores.

A professora, diz que a maior dificuldade encontrada é a necessidade de um lugar propício para a realização das atividades. Pelo que já foi descrito anteriormente a respeito do espaço físico da escola, conclui-se que esta dificuldade não pode ser considerada de extrema importância, pois o espaço encontrado não é tão problemático, como dá a entender a professora, o qual se justifique a existência de aulas tão parecidas e ao mesmo tempo sem fundamentação.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados levantados na observação das aulas de Educação Física e pelo questionário feito à professora com a ajuda da literatura, nos leva a identificar algumas considerações finais sobre a problemática.

Quanto a questão problematizada, verificamos que o planejamento das aulas dadas não ficou claro quanto a sua organização e objetivação.

A professora, demonstrou a utilização de uma Educação Física de caráter recreativo, pois as crianças estavam brincando sem a intervenção de uma organização pela mesma.

Tal observação mostrou, juntamente com um pequeno relato da professora, que a “utilidade” da disciplina de Educação Física dentro de um contexto escolar, é simplesmente a oportunização de um espaço do brincar por brincar, sem fundamentação teórica que dê suporte aos objetivos pedagógicos sócio - motores da disciplina de Educação Física.

As aulas de Educação Física que se fizeram presente, não tem relação teórica específica em nenhuma das tendências pedagógicas estudadas segundo GUIRALDELLI (1989): Educação Física Higienista (até 1930); Educação Física Militarista (1930-1945); Educação Física Pedagogicista (1945-1964); Educação Física Competitivista (pós 64) e a Educação Física Popular, e outras conforme indica a revisão de literatura: abordagem desenvolvimentista e a psicomotricidade, educação física crítico-emancipatória, educação física crítico-superadora e a concepção de aulas abertas a experiências; visto que, a ordem para os alunos fazer o que tivessem vontade, ou seja, brincar, brincar e brincar. Enfim, um tempo de lazer, fora das exigências intelectuais da sala de aula.

Parece-nos que visto nos objetivos perspectivados, quanto aos objetivos uma mescla destas tendências pois ao mesmo tempo que o corpo está em movimento, a socialização entre as pessoas (crianças) está acontecendo.

Por fim, observou-se um provável descompromisso com a disciplina de Educação Física na escola. Tal afirmação vem do fato de que se a professora estava dando tal disciplina de uma forma recreativa, não comprova o fato de existir a fundamentação citada anteriormente de uma mescla das tendências estudadas. Isto

se afirma ainda pelo fato da professora ter dado, durante o período observado, a mesma aula (livre), e ainda para a mesma turma.

Com esta conclusão, várias indagações podem ser levantadas, porém ainda não respondidas. Será que foi coincidência o caso das aulas serem iguais na semana? Será que durante o período de observação, objetivo da aula era o de ser livre? Será que era este o planejamento da professora? Ou será ainda que esta foi a maneira mais fácil de dar uma aula para alunos que só tem aula teórica? Será que foi o descompromisso com a disciplina que gerou esta aula livre? Com estas indagações conclui-se que é ainda um pouco assustador e desmotivante para alguns, a realidade da disciplina de Educação Física nas escolas atuais. O termo “motivante” vem no sentido de procurar uma Educação Física Escolar melhor e objetivada, não só de maneira teórica e sim uma Educação Física Escolar competente.

O professor, sendo o elemento humano a exercer influência sobre o aluno, deve apresentar-se com as qualificações específicas para o fim a que se propõe, lembrando-se de sua finalidade educacional? É auxiliar o homem a edificar a sua própria personalidade, integrando-o de maneira ativa e criadora, no mundo em que vive? Para tanto, a preocupação primordial do professor deve ser a aplicação dos recursos que a Educação Física lhe impõe sobre as mãos, num sentido essencialmente prático abordando todos os fundamentos da mesma, apresentando um planejamento sólido que seja desenvolvido dentro dos parâmetros e das medidas de níveis a que se destina. Além disso, deve o professor projetar os meios que poderá usar para, em aproveitando seu trabalho, analisar o comportamento infantil, avaliando assim o desenvolvimento progressivo das crianças, quanto à saúde física e mental, o equilíbrio emocional, a formação de hábitos e atitudes sociais. Os próprios fundamentos teóricos da Educação Física, nos levam ao valor da atividade lúdica na vida da criança nesta faixa etária e escolar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRACHT, V. Educação Física e aprendizagem social. Porto Alegre: Magister LTDA, 1992.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. In: Carmem Lúcia Soares (org.). CADERNO CEDES 48. Corpo e Educação. 1ª Edição, 1999.

CANFIELD, M. , 2001 In. REVISTA KINESIS/ Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação Física e desportos. N.º Especial (1984). Santa Maria, 1984- nº. 24 (p. 73 à 96).

CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Papyrus, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1992.

COSTA, Marly de Abreu. Qualidade de ensino e a escola pública de tempo integral em questão. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

CURY, C. R. J. Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais. São Paulo: 3ª edição, Cortez, 1989.

DIRETRIZES CURRICULARES (em discussão), Mímeo, 1999.

FREITAS, L. C. de. A dialética da eliminação no processo seletivo. Campinas, Faculdade de Educação/ Unicamp: Mímeo, 1990.

GANDIN, D. Planejamento como prática educativa. São Paulo: 7ª Edição, Loyola, 1993.

GHIRALDELLI JR, P. Educação Física Progressista – A pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira. São Paulo: 2ª Edição, Loyola, 1989.

GONÇALVES, J. A. M. A carreira das professoras do ensino primário. In: NÓVOA, A. (Org). Vida de professores. Porto: Editora Porto, 1992.

GRUPO DE TRABALHO PEDAGÓGICO UFPe – UFSM. Visão Didática da Educação Física: análises críticas e exemplos práticos de aulas. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1991. (Coleção Educação Física. Série Fundamentação; 11).

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCACAO NACIONAL: Nova LDB (Lei n. 9.394) Rio de Janeiro: Qualitymark/ DUNYA Ed., 1998.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1985.

LUCKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo: Cortez, 1990.

OLIVEIRA, V. M. Educação Física humanista. Rio de Janeiro: ao livro técnico, 1985.

PARAMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Educacao Física/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/ SEF, 1997.

PEREIRA, F. M. Dialética da cultura física. São Paulo: Ícone, 1988.

RESENDE, H. G. Tendências Pedagógicas de Educação Física Escolar In. VOTRE, S. J. Ensaio em Educação Física, esporte e lazer: tendências e perspectivas. Rio de Janeiro: SBDEF: UGF, 1994, p. 11 á 40.

SAVIANI, D. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. São Paulo: Cortez, 1991.

SOARES, C. L. Imagens da Educação no coro: estudo a partir da ginástica francesa. Campinas, Autores associados, 1998.

TRIVINOS, A. N. S. Introdução á pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXO

Universidade Federal do Paraná
Departamento de Educação Física
Pesquisa para Graduação em Licenciatura em Educação Física
Escola Municipal Jaguariaíva

Orientações:

Prezada Professora:

A presente pesquisa tem como objetivo relatar a atuação da professora da área de Educação Física da Escola Municipal Jaguariaíva, de 1º e 2º ciclos, da Rede Municipal de Curitiba. Não há necessidade de sua identificação.

1. Qual a sua formação educacional? _____
 2. Há quanto tempo você trabalha na prefeitura como professora? _____
E na área de Educação Física? _____
 3. Em quantas turmas você atua como professora de Educação Física? _____
 4. Qual é a média de alunos por turma? _____
 5. Quantos cursos sobre Educação Física foram ofertados a você no período de 2000/2001? _____ Quantos destes você participou? _____
 6. Você já participou de algum evento sobre os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais): () Palestras () Cursos () Troca de experiências () Vídeos () Congressos () Outros _____
 7. Você possui encadernações dos Parâmetros Curriculares Nacionais? _____
 8. Existe planejamento prévio das aulas? _____
-
9. Você utiliza as orientações curriculares para o planejamento anual da disciplina?
Se utiliza, sob quais aspectos? _____
-
10. Quando faz o planejamento para as aulas, conta com o auxílio:
 () do(a) Supervisor(a) da escola () do(a) Orientadora da escola
 () Outros – Quais? _____

11. Para você, quais os objetivos da disciplina de Educação Física? _____

12. Quais os conteúdos trabalhados? _____

13. Quais são os seus procedimentos metodológicos cotidianos nas aulas de Educação Física? _____

14. Qual o tipo de avaliação utilizada nesta disciplina? _____

15. Além do PCNs, você utiliza alguma literatura para aplicar suas aulas? Qual? _____

16. Durante suas aulas, quais os materiais que você mais utiliza? _____

17. Quais são as dificuldades encontradas no decorrer de suas aulas? _____

18. Qual seria a sua concepção de aula de Educação Física? Qual o significado/sentido das aulas de Educação Física? _____

19. Segundo sua experiência, qual a importância dada à disciplina de Educação Física pelos professores das demais disciplinas? _____

Desde já agradeço sua paciência e colaboração
Leticia Kochanny Carvalho